

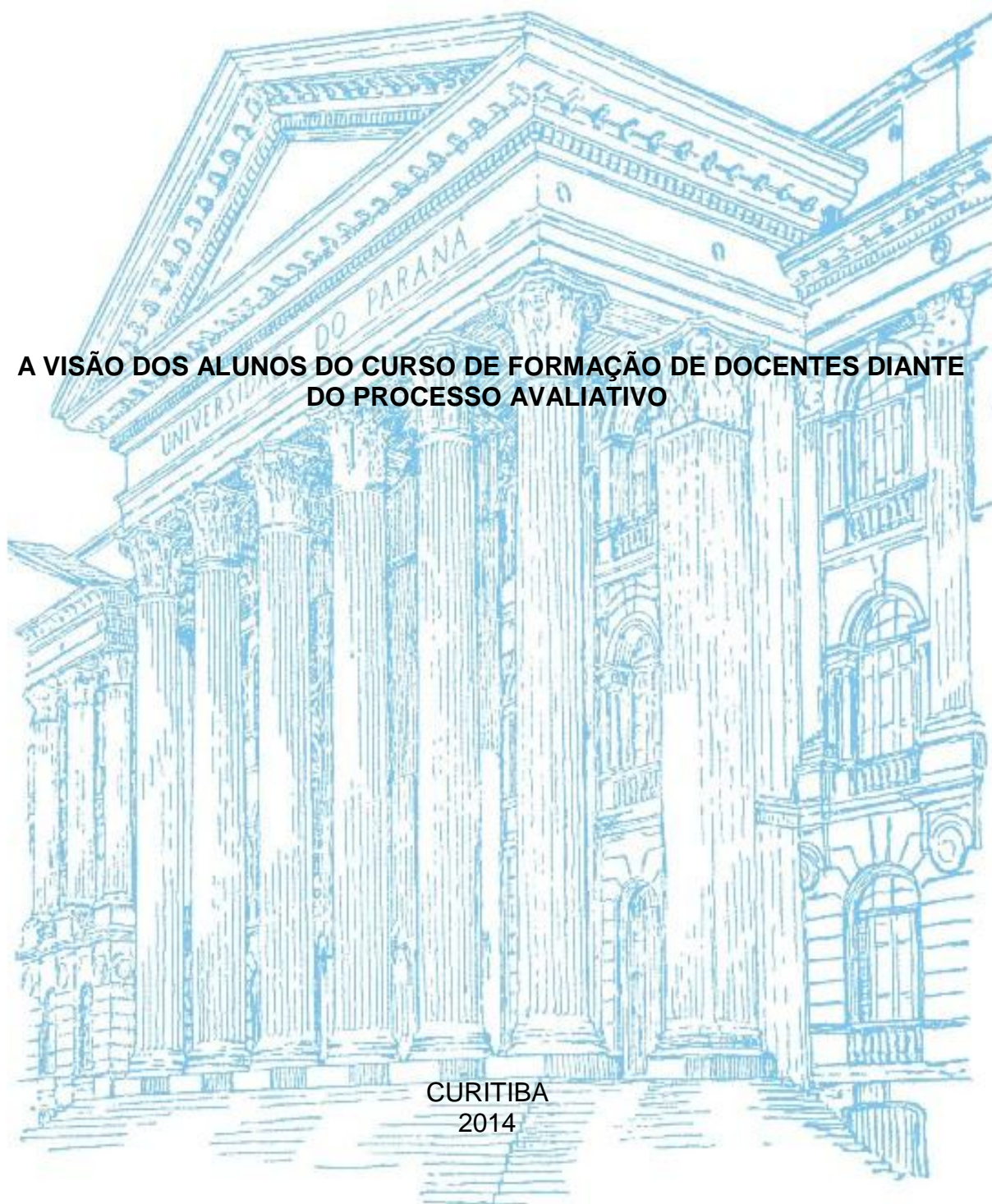
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

VANDERLI MARIA FERNANDES

**A VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DIANTE
DO PROCESSO AVALIATIVO**

CURITIBA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

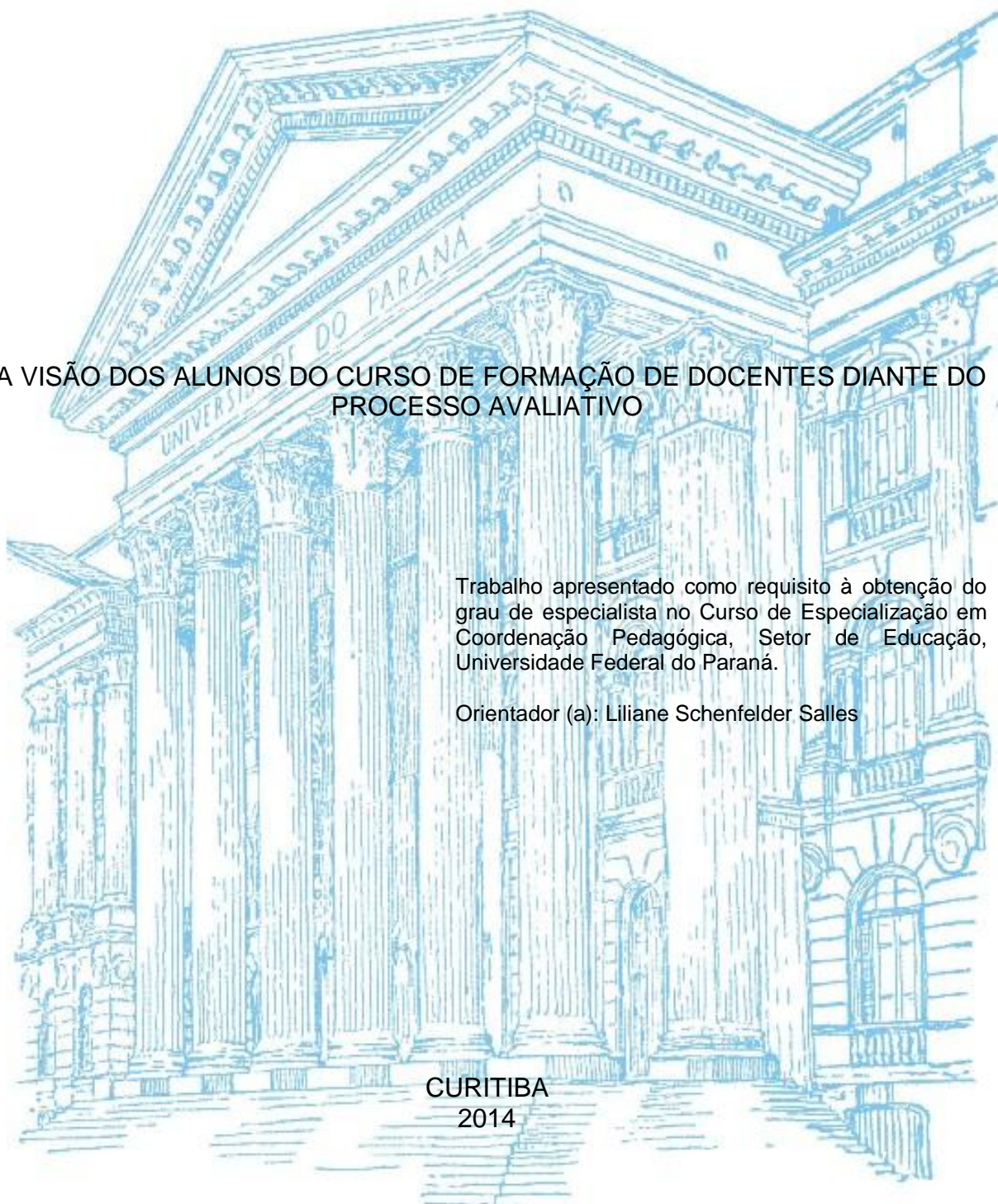
VANDERLI MARIA FERNANDES

A VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DIANTE DO
PROCESSO AVALIATIVO

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Liliane Schenfelder Salles

CURITIBA
2014



A VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DIANTE DO PROCESSO AVALIATIVO

VANDERLI MARIA FERNANDES*

RESUMO

A presente pesquisa considera que a avaliação escolar pode colaborar para melhorar a aprendizagem do aluno, e consequentemente contribuir para a qualidade da educação, procurou-se nessa pesquisa saber como os alunos do 3º ano do curso de Formação de Docentes, entendem esse processo, já que em pouco tempo estarão nas escolas de educação infantil e ensino fundamental I, reproduzindo o que aprenderam durante o curso. A pesquisa foi realizada com os alunos do 3º ano do curso de formação docente, do município de Ibaiti através de questionário com perguntas abertas para o relato de suas opiniões sobre a temática. Na análise da pesquisa observou-se que o conhecimento que os alunos apresentam em relação ao tema é bastante conservador voltado para a avaliação na perspectiva classificatória e excludente e não a diagnóstica e formativa que são aquelas mais indicadas para avaliação da aprendizagem. Portanto, se os alunos têm esta visão sobre o processo avaliativo é porque o trabalho desenvolvido no curso de formação de Docentes da escola pode estar direcionado para este entendimento.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino e aprendizagem. Formação de docentes.

*Artigo produzido pela aluna Vanderli Maria Fernandes do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Liliane Schenfelder Salles. E-mail: liesa@uol.com.br

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	06
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	12
3. 1 A visão dos alunos diante do processo avaliativo	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

INTRODUÇÃO

A pesquisa que se apresenta foi percebida no dia a dia da escola, onde os protagonistas do processo avaliativo, professores e alunos, sentem-se angustiados diante do contexto da avaliação, de um lado a aflição do professor que relaciona a avaliação com a aprovação ou reprovação de alunos e, neste contexto ainda existe uma confusão com o processo de verificação ou aferição, onde a avaliação se encerra quando se obtêm dados dos alunos. Por conseguinte, tem-se o aluno, que enfrenta o problema sofrendo verdadeiro pânico quando se levanta a questão avaliação, por esta ter um histórico de associação à punição, ao autoritarismo que gera medo, entre outros detalhes que a avaliação traz como carga no desenvolvimento educacional.

Hoje como pedagoga e educadora do Curso de Formação de Docentes, e com mais de quinze anos de experiência no magistério, continuo na busca de entendimento sobre como avaliar o conhecimento do aluno, e como usar o processo avaliativo a favor da aprendizagem discente, pois quando fala-se em avaliação não parece algo tão difícil de realizar, mas quando depara-se como participante desse processo observa-se a falta de subsídios teórico-práticos que façam desse recurso um aliado a educação.

Considerando que os alunos do curso de Formação de Docentes estarão atuando nas instituições de educação Infantil e Ensino fundamental Anos iniciais, houve a preocupação de saber como esses entendem o processo de avaliação escolar, pois esse conhecimento será reproduzido quando estiverem atuando.

Assim sendo, esta pesquisa foi realizada com os alunos da turma da 3ª série “A” do curso de Formação de Docentes de uma instituição escolar da rede estadual de ensino, do município de Ibaiti – PR, que para a pesquisa será nominado de “Colégio Abelha”.

O objetivo deste estudo é analisar o processo avaliativo na visão dos alunos, com isto contribuir para que a avaliação escolar se desenvolva na sala de aula buscando melhorias na aprendizagem, para tanto buscou-se também uma fundamentação teórica que possa enriquecer a prática pedagógica dos futuros educadores, que são os alunos do curso de formação docente.

Para construir a pesquisa foram abordados como: Abramowicz (2001), Albuquerque (2004), Hoffmann (1991), Libâneo (1991), Luckesi (2006), Pellegrini

(2003), Rabelo (1998) e Vasconcellos (1994) por tratarem de estudiosos que trazem grandes contribuições sobre a temática avaliação da aprendizagem.

Este artigo está organizado com o seguinte desenvolvimento: Considerações sobre a avaliação no contexto escolar, onde faz algumas considerações sobre o processo avaliativo analisando qual tipo de avaliação está mais voltado para melhorar a aprendizagem do aluno; Análise das informações coletadas, onde se observa como os alunos do da 3ª série do curso de Formação de Docentes entendem o processo avaliativo e finalizando, Considerações finais, onde é feito a sintetização da pesquisa.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

O contexto avaliativo vem sendo estudado e traz muitas reflexões sobre sua prática, portanto, para entender o porquê da avaliação trazer ansiedades e até mesmo medo para quem passa por ela, torna-se interessante fazer uma breve retrospectiva da história desta temática e assim compreender esse processo no meio educacional atual. Percebe-se, mesmo em tempos remotos, a presença da avaliação, é o que nos ressalta Alburquerque (2004, p.37):

Na China no séc. 2205 a.C. um imperador, considerado “o grande”- o imperador Shun, usava a avaliação (com um certo ritual e formalidade classificatória) no sentido de examinar as competências de seus oficiais com o fim de promovê-los ou demiti-los.

Então não é de agora que a avaliação como mensuração, medida de mérito, classificação dos melhores e os piores vem acompanhando a nossa humanidade e ainda hoje podem ser observadas no processo avaliativo práticas voltadas para estas perspectivas, por mais que existam discursos contrários à avaliação da aprendizagem no sentido de classificação e exclusão.

Nesse sentido Luckesi acrescenta:

Nós, educadores do início do século 21, somos herdeiros do século 17. O modelo atual foi sistematizado na época de emergência da burguesia e da sociedade moderna. Se analisarmos documentos daquele tempo, como Ratio Studiorum, dos padres da ordem dos jesuítas, ou a Didactica Magna, do educador tcheco Comênio, veremos que o modelo classificatório que praticamos hoje foi concebido ali. (LUCKESI, 2006, p. 19)

Portanto observa-se que na educação as transformações acontecem lentamente, mas se analisar a trajetória da avaliação escolar pode-se perceber que a preocupação com a avaliação no sentido de melhorar a aprendizagem do aluno, é recente.

No Brasil, segundo Hoffmann (1991, p. 39) “a partir dos anos 60, principalmente, foi muito ampla a divulgação da proposta de Ralph Tyler conhecida como “Avaliação por objetivos””, e a partir daí a sua concepção de avaliação da aprendizagem começou a ser difundida entre os educadores e segundo a autora essa proposta teve repercussão nos cursos de formação e perdura até os dias atuais. Luckesi (1997) diz que Tyler inventou a denominação de avaliação da aprendizagem e que defendeu uma prática pedagógica em que a avaliação servisse para subsidiar um modo eficiente de ensinar.

E para o norte americano Tyler (1949, citado por Rabelo et. Al., 1998) “o processo de avaliação é essencialmente o processo de determinar até que ponto os objetivos educacionais foram realmente alcançados, mediante os programas de currículos de ensino”, e essa prática pode ser observada, hoje, no trabalho do professor, pois estabelece os objetivos a serem alcançados e depois há uma verificação do atingimento do mesmo. Mas Hoffmann explica como essa teoria se processa no ambiente escolar:

“Como se revela, na escola, essa influência de Tyler? Observa-se que compreende, no início do processo, o estabelecimento de objetivos pelo professor (na maioria das vezes relacionados estreitamente a itens de conteúdo programático) e, a determinados intervalos, a verificação através de testes, do alcance desses objetivos pelos alunos. Quando inserida no cotidiano, a ação avaliativa restringe-se à correção de tarefas diárias dos alunos e registro de resultados. Assim, quando se discute avaliação, discutem-se, de fato, instrumentos de verificação e critérios de análise de desempenho final.” (HOFFMANN, 1991, p. 39)

Constata-se também que entre as décadas de 60 e 70, o recente passado militar no qual o Brasil esteve envolvido, trouxe a tendência tecnicista, onde a sociedade deveria ser formada de acordo com a demanda industrial e tecnológica da época o que levou as escolas a preocuparem-se apenas pela quantidade de mão-de-obra preparada para a indústria. Com isso ocorreu uma acentuada essa distorção do significado da expressão Avaliação, pois se referem a verificar e avaliar como se

tivessem o mesmo significado. Nesse sentido Abramowicz (1996, citado por Albuquerque, 2004) completa que “o caminhar de uma concepção tecnicista avaliar significava medir, atribuir nota, predizer (...)”. E isso aconteceu porque segundo Vasconcellos (1994), o papel a escola a partir do capitalismo e principalmente com a formação de mãos de obra para a indústria, padece de uma ambiguidade: de um lado é preciso para dar certos rudimentos da cultura e disciplinar o futuro trabalhador e de outro, fornecer esses elementos da cultura corre o risco de formar pessoas mais conscientes e questionadoras.

Então o processo avaliativo tinha que ser voltado para a perspectiva, a de manter as desigualdades sociais e se apresentar de forma aparentemente neutra, pois se todos passassem pelos bancos escolares com sucesso e chegassem à universidade, conscientes, lutaria por seus direitos e desmontaria a ordem, o controle que a sociedade capitalista apresentava. Nesse sentido a autora acrescenta:

“A avaliação, sob uma falsa aparência e neutralidade e de objetividade, é o instrumento de excelência de que lança mão o sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e a dissimulação das desigualdades sociais que ela oculta sob a fantasia do dom natural e do mérito individualmente conquistado.” (SOARES, 1991, citado por VASCONCELLOS, 1994, p. 29)

Então o processo avaliativo, de certa forma, colaborou para manutenção da sociedade em classes e foi também na década de 70, que segundo Albuquerque (2004), que o país recebeu a forte herança técnica burocrática na área da avaliação e essa herança persiste até hoje, mesmo com as novas ênfases na abordagem processual e qualitativa desse processo. Mas da década de 80 e 90 para cá, os profissionais da educação, mediante pesquisas educacionais, buscam mostrar a perversidade da avaliação seletiva, que servia como forma de controle, disciplinarização, punição e desmotivação dos alunos e procuram construir uma avaliação emancipatória, (ALBUQUERQUE, 2004).

Mas essa mudança não é fácil, pois para isso há necessidade de uma nova concepção de educação, de escola, de homem e de romper com paradigmas que se estabeleceu na humanidade por muito tempo e que se encontram enraizados na prática pedagógica em tempos atuais. Perrenoud (1993, citado por Abramowicz,

2001) chega a dizer que para “mudar a avaliação significa, provavelmente, mudar a escola”, e a autora faz questão de explicar esta frase do autor:

A avaliação, a meu ver, é uma janela por onde se vislumbra toda a educação. Quando indagamos a quem ela beneficia, a quem interessa, questionamos o ensino que privilegia. Quando você se pergunta como quer avaliar, desvela sua concepção de escola, de homem, de mundo, de sociedade. Por isso essa frase tem muita razão de ser. (ABRAMOWICZ, 2001, p. 01)

E por mais que a “avaliação formativa seja uma utopia que deve ser perseguida por todos (as) educadores (as) que se comprometem com a aprendizagem de seus alunos (as) – sua formação plena”, (HADJI, 2001, citado por ALBUQUERQUE, 2004, p. 117), deve-se lutar para que essa transformação ocorra para que a escola não venha privilegiar a sociedade capitalista e ao sistema político na qual está inserida e reforçar a manutenção dos mesmos.

Diante disso muitas são as discussões que se apresentam diante da avaliação escolar, portanto torna-se necessário que nós como educadores, busquemos aprofundamentos teóricos para processar o entendimento junto a avaliação escolar e assim poder trabalhar com este instrumento de forma mais qualitativa, dando aos alunos condições de se apropriarem de seu real significado.

De acordo com a definição de Luckesi (1997, p.33) a avaliação “é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade tendo em vista uma tomada de decisão.” Então a avaliação se relaciona com o ato de determinar o valor de alguma coisa, ou seja, quando se avalia emite-se o juízo de valor diante de análises realizadas.

No contexto histórico da educação, a avaliação tem sido sistematicamente utilizada com a função de classificar, selecionar, disciplinar e punir os alunos, assim nessa perspectiva os professores fazem aplicação de provas, instrumentos privilegiados na avaliação, e esperam dos alunos os conteúdos trabalhados em classe e verificam as aquisições realizadas. Segundo Vasconcellos a avaliação é assim entendida:

A avaliação, portanto, acaba desempenhando, na prática, um papel mais político que pedagógico, ou seja, não é usada como um recurso metodológico de reorientação do processo de ensino-aprendizagem, mas sim um instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais. (VASCONCELLOS, 1994, p. 39)

Diante disso observa-se que esses controles relatados pelo autor estão presentes no processo avaliativo, pois o sistema exerce o controle quando, de certa forma, realiza uma seleção e discriminação social; a escola quando controla o trabalho do professor; o professor quando usa a avaliação para manter a disciplina em sala de aula e os pais quando pressiona os filhos para que tirem boas notas.

Outra questão que se faz necessária à reflexão é quanto ao objetivo da avaliação e é interessante observar o diz Luckesi (2006. p.18) que: “o principal objetivo da avaliação é intervir para melhorar”. Nenhuma avaliação da aprendizagem realizada pelo professor em sala de aula faz sentido se for apenas para saber dados e não para produzir mudanças para uma aprendizagem significativa, assim sendo, a avaliação é um processo que deveria servir aos alunos como um instrumento de diagnóstico de sua própria situação, permitindo-lhes constatar o que já aprenderam e o que lhes falta aprender, bem como detectar as dificuldades que tiverem para a apropriação deste ou daquele conteúdo.

Neste processo ainda se observam fragilidades, mesmo que o professor saiba que a avaliação é importante, e que os resultados obtidos pelos alunos poderão subsidiá-lo quanto à reflexão que ele precisa fazer constantemente sobre sua prática, no sentido de verificar a eficácia ou as falhas de seu desempenho. Portanto, de posse desses dados, o professor tem a possibilidade de melhorar sua ação pedagógica e, conseqüentemente, o nível de aprendizagem dos alunos.

“A avaliação é, também, um termômetro dos esforços do professor. Ao analisar os resultados do rendimento escolar dos alunos, obtém informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho”.(LIBÂNEO,1991, p.202)

O que se observa, hoje ainda, são alguns equívocos quanto a aplicação e a interpretação dos resultados da avaliação escolar que segundo Libâneo (1991, p. 198 e 199), são: usar a avaliação somente para dar notas, classificando o aluno em "melhor" ou "pior", dependendo do que memorizou; avaliação para recompensar ou punir o aluno pelas suas atitudes; a nota é dada e tirada conforme seu comportamento; autoconfiança do professor, quando mede o aluno pelo seu "olho-clínico", profetizando, já no início do ano, qual aluno tem condições de aprovação ou reprovação onde o professor relega o aluno, isolando-o a um canto da sala, destruindo sua auto-estima e fazendo crescer o índice de evasão escolar; quando

rejeitam as medidas quantitativas de aprendizagem em favor somente dos dados qualitativos, julgando que as provas ou testes aplicados podem prejudicar ou inibir as potencialidades do aluno.

E Luckesi diz mais:

Hoje aplicamos instrumentos de qualidade duvidosa: corrigimos provas e contamos os pontos para concluir se o aluno será aprovado ou reprovado. O processo foi concebido para que alguns estudantes sejam incluídos e outros, excluídos. Do ponto de vista político – pedagógico, é uma tradição antidemocrática e autoritária, porque centrada na pessoa do professor e no sistema de ensino, não em quem aprende.” (LUCKESI, 2006 p. 19)

Levando em consideração ao que foi mencionado temos muitos obstáculos a serem superados para que a avaliação escolar cumpra com o objetivo de melhorar a aprendizagem do aluno de acordo com o que estabelece na LDB, LEI nº 12.796/13, que traz as diretrizes nacionais da educação e diz que a Avaliação deve ser contínua e cumulativa, com prioridade dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (Art. 24). E isso nos leva a pensar que a avaliação mais apropriada para melhorar a aprendizagem do aluno seja a formativa que já vem sendo discutida há tempos e não é oposta a avaliação tradicional denominada somativa ou classificatória.

É o que relata Pellegrini quando comenta sobre a LDB nº 9394/96 :

Quando a LDB estabelece que a avaliação deve ser contínua e priorizar a qualidade e o processo de aprendizagem (o desempenho do aluno ao longo de todo o ano e não apenas numa prova ou num trabalho), usa outras palavras para expressar que o jargão pedagógico convencionou chamar de avaliação formativa. O primeiro a usar essa expressão foi o americano Michael Scriven, em seu livro Metodologia da Avaliação, publicado em 1967. Segundo ele, só com observação sistemática o educador consegue aprimorar as atividades de classe e garantir que todos aprendam. Muitos veem a avaliação formativa como uma “oposição” à avaliação tradicional, também conhecida como somativa ou classificatória. Esta se caracteriza por ser realizada geralmente ao final do programa, com o único objetivo de definir uma nota ou estabelecer um conceito – ou seja, dizer se os estudantes aprenderam ou não e ordená-los. Na verdade as duas não são opostas mas servem para diferentes fins. A avaliação somativa é o melhor jeito de listar os alunos pela quantidade de conhecimentos que eles dominam – como no caso do vestibular ou de outros concursos. A formativa é muito mais adequada ao dia-a-dia da sala de aula. (PELLEGRINI, 2003, p. 27)

Levando em consideração que a avaliação formativa é aquela que deve estar presente no dia a dia da sala de aula, há necessidade de rever a prática

avaliativa escolar, pois a avaliação da aprendizagem não pode estar voltada somente para verificação do conhecimento adquirido pelo aluno, mas sim um instrumento que leve-o a avançar.

Outrossim, não se pode deixar de falar também sobre a avaliação diagnóstica que é aquela que vem determinar a presença ou não de conhecimentos e habilidades, buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem, permitindo averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem.

Luckesi (1997, p. 43) é um dos defensores da avaliação como instrumento norteador de diagnóstico, uma vez que considera “(...) a avaliação terá que ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos”. E como instrumento de diagnóstico, contribuirá para melhorar a aprendizagem. Além disso, o autor diz que a avaliação tem caráter inclusivo:

A avaliação é constituída de instrumentos de diagnóstico, que levam a uma intervenção visando à melhoria da aprendizagem. (...) A avaliação é inclusiva porque o estudante vai ser ajudado a dar um passo à frente. (LUCKESI, 2006, p.19)

Então, não basta somente testar e medir, é preciso avaliar, julgar a aquisição dos conhecimentos quanto às habilidades, interesses, atitudes, ajustamento pessoal e social, para que se determine o real progresso do aluno em relação ao objetivo proposto, criando assim condições para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos, metodológicos e também avaliativos.

A avaliação então, configura-se como um processo amplo que precisa acontecer por meio de um conjunto adequadamente planejado de ações organizadas que objetivam obter informações sobre o que o aluno aprendeu, como ele aprendeu e em que condições, com vistas, sobretudo, ao ajuste e à orientação da intervenção pedagógica, a fim de tanto o ensino quanto à aprendizagem primem pela qualidade.

3 . APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa que se apresenta foi realizada com levantamento de dados, envolvendo um dos atores educacionais que interferem na problemática da avaliação escolar, que são os alunos, portanto o desenvolvimento para referida coleta, contou portanto com a participação dos alunos da 3ª série do curso de Formação de Docentes do “Colégio Abelha” da cidade de Ibaiti – PR, cuja turma é composta por 11 alunos, mas participaram da pesquisa apenas 10, pois houve falta de um aluno da turma no dia estabelecido para a aplicação do questionário.

A finalidade da aplicação foi obter dados com os envolvidos, considerando suas opiniões sobre a avaliação da aprendizagem, visto que estes alunos são os que se encontram mais envolvidos com o processo educacional e consequentemente com a avaliação escolar.

A autora da pesquisa elaborou um questionário com 7 questões que foi aplicado aos envolvidos buscando o entendimento sobre a avaliação escolar, com cunho qualitativo.

As questões são abertas, pois acredita-se que em um questionário fechado as alternativas expressam o ponto de vista do pesquisador, aquilo que ele considera importante e não o que é importante para o participante da pesquisa, fato este que pode distorcer a realidade.

Portanto, para o estudo é de fundamental importância o delineamento qualitativo, por meio do qual as respostas, obtidas nos questionários, foram analisadas e apresentadas.

Utilizou - se para esta pesquisa, as seguintes denominações para dar referência aos alunos pesquisados: “A” para Aluno e consequentemente os números, que ficando assim estabelecidos, “A1” para o aluno 1, “A2” para aluno 2 e assim consecutivamente. As denominações foram elencadas para manter o sigilo sobre as informações coletadas.

Lembrando que utilizou-se apenas algumas respostas dos alunos envolvidos, que podem ser observadas na análise de dados, apresentando essas denominações dentro da escala de A1 a A10.

E é importante frisar que uma pesquisa cuja temática é a avaliação escolar, necessita ainda de muitos aprofundamentos teóricos, muitas discussões e reflexões com todos os envolvidos no contexto escolar, pois só assim acredita-se que avanços possam ser visíveis e também tragam melhorias na aprendizagem.

Então a análise de dados é a parte que requer mais atenção do pesquisador, pois segundo afirma Roesch (1999, p.168), no término da coleta de dados de uma pesquisa de caráter qualitativo, o pesquisador se depara com uma diversidade de dados e notas de pesquisa que se materializam em forma de textos, que deverão ser interpretados, portanto cabe ao pesquisador realizar a análise da realidade que se apresenta.

3.1 A visão dos alunos diante do processo avaliativo

Apresentam-se, a seguir, as principais opiniões que compõem o entendimento sobre o processo avaliativo dos alunos do 3º ano do curso de Formação de Docentes, tendo como base os dados coletados durante o estudo.

A pesquisa traz em sua primeira questão junto aos alunos que responderam o questionário, a opinião dos mesmos quanto ao entendimento sobre o que é avaliação e com isso, o resultado que se apresentou foi que 40% dos alunos responderam que avaliação é uma forma, 40% como uma maneira, 10% como um método e os outros 10% como um processo.

Com isso, observou-se que os alunos da pesquisa não possuem até o momento uma definição clara e objetiva do que vem a ser uma avaliação. No entanto, precisa-se considerar que o contexto chamado avaliação ainda pede por muitos estudos, mas que também para os alunos que estão prestes a concluir um curso de formação de docentes o mínima seria de que a avaliação fosse um ponto mais fundamentado teoricamente o que não se observou em nas respostas.

Assim apresenta-se:

A1: “Uma maneira de saber o que o aluno adquiriu, ou se a maneira do professor ensinar, está fazendo com que os alunos aprenda.”

A4: “Avaliação é uma forma de o professor saber o quanto seu aluno aprendeu, é feita de diversas maneiras.”

A8: “É um processo pelo qual o professor avalia o aluno, seja através de provas ou anotações, avalia o conhecimento que o aluno obtém, ser reguladora do processo de aprendizagem”.

A9: “É um método de avaliar os assuntos que os alunos aprenderam, também existe a forma de avaliar o comportamento do aluno em sala.”

E de acordo com Luckesi (2006, p.18), que há quatro décadas desenvolve pesquisa relacionada a esse tema, a avaliação é definida como “Um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisão”. Então avaliação da aprendizagem pode ser conceituada como um processo pedagógico intencional contínuo que envolve a percepção sobre a prática do professor e do desenvolvimento do aluno para tomada de decisões no sentido de garantir avanços na aprendizagem do mesmo.

Em continuidade a coleta de dados, no questionário havia a pergunta de, qual seria a finalidade de uma avaliação, e o resultado expressou-se da seguinte forma: 100% dos alunos responderam que é uma maneira para saber o que o aluno aprendeu, mas somente 40% relacionou a avaliação ao direcionamento da prática do professor.

Com os resultados, tem-se outra grande preocupação, pois a maioria dos alunos relata que a finalidade da avaliação é para saber o que o aluno aprendeu, e não a relaciona isso com a prática do professor, e muito menos sobre a intervenção que deve ser realizada. Assim sendo, torna-se necessário trazer Luckesi (2006, p.18) que esclarece dizendo, “O objetivo da avaliação é intervir para melhorar”, portanto a avaliação deve servir como um instrumento que colabore para fazer com que o aluno avance em sua aprendizagem.

Ainda, procurou-se investigar, com essa pesquisa se a avaliação ainda hoje está ligada ao medo como era na educação conservadora, por este motivo elencou-se no questionário, a opinião de sentimentos presentes no momento de avaliar e pode-se observar que 80% do grupo de alunos responderam que sentem no momento de avaliar medo, nervosismo, ansiedade; 10% aflição e os outros 10% insegurança.

Os dados coletados mostram que em pleno século XXI, o processo avaliativo que deveria servir de um momento de tomada de decisões para alunos é um momento que causa terror e isso só vem confirmar o que já dizia Vasconcellos (1994):

A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal estar, dor de cabeça, “branco”, tensão, medo, angústia, insônia, pesadelo, vergonha, transpiração, enjoo, ansiedade, diurese, nervoso, confusão, esquecimento, preocupação, “frio na barriga”, decepção, introjeção de auto-imagem negativa, etc. (VASCONCELLOS, 1994, p. 37)

Então os alunos, que serão futuros docentes, sentem-se muito mal diante da avaliação, isso pode ser observado mediante algumas repostas apresentadas por eles:

A1: "Um frio na barriga, um medo de não saber tudo e tirar, e ter nota baixa."

A2: "Muito nervosismo na hora da avaliação, representa que tudo o que você estudou e aprendeu desaparece."

A3: "Nervosismo, medo, ansiedade eu fico muito pensativa, como muito a unha."

A10: "Fico nervosa, medo e muitas vezes vou mal por isso."

Com isso observa-se ainda que, se os alunos que responderam ao questionário e já quase docentes, sentem dessa forma é porque não reconhecem que a prática avaliativa deve proporcionar um diagnóstico da aprendizagem em relação ao conteúdo estudado e demonstrar onde precisa avançar.

Ressalta-se, portanto que toda essa tensão pode colaborar para a formação de sujeitos medrosos, que sentem-se fragilizados ao falar em público, de opinar quando é solicitado e isso não é viável para ninguém, principalmente para futuros professores.

Analisando os dados coletados, observa-se nesta pesquisa que a avaliação ainda é usada como um instrumento de controle e ameaça, então buscou saber se neste ano, algum professor já comentou em descontar nota pelo comportamento apresentado pela turma e qual a opinião dos alunos sobre esta atitude. Percebeu que 60% dos alunos disseram que este ano houve ameaças e concordam com estas atitudes, 20% disseram que este ano houve ameaças e não concordam com estas atitudes e 10% disseram que esse ano houve ameaças, mas não opinou sobre o assunto.

Então constata que hoje a avaliação ainda é um instrumento usado pelo professor como controle e ameaças, pois todos os alunos entrevistados disseram que nesse ano a turma já sofreu ameaças em relação à avaliação. Um dos alunos chegou a dizer que:

A2: "Sim, vários professores. Eu creio que seja o certo a fazer, pois assim o aluno irá prestar atenção e aprender o que o professor está explicando".

Diante das respostas apresentadas detectam-se dois elementos que precisam ser analisados, primeiro é a preocupação quanto à manutenção desses comportamentos, pois esses alunos estarão dentro de pouco tempo atuando nas nossas escolas de Educação Infantil e Ensino fundamental I, e reproduzirão estas atitudes com seus alunos é o que diz Vasconcelos:

O professor de um modo geral, não tem consciência de que é mais um agente desse jogo de discriminação e dominação social. Faz simplesmente aquilo que “sempre foi feito” na escola, para o que, além do mais, recebeu os fundamentos na sua graduação. (VASCONCELLOS,1994, p.26).

É muito interessante o diz o autor, pois está visão que os alunos têm hoje sobre a avaliação, pode ser fruto, que os professores, que atuam no curso de Formação de Docentes, trazem consigo da sua formação.

E nesse mesmo sentido, Luckesi (2006), diz que quando um comportamento é muito realizado quando aluno, ao se tornar um profissional, tende a repetir essa prática. E o segundo elemento que também merece atenção é em relação ao que os alunos pensam sobre esse tipo de comportamento, pois 60% concordam com essas atitudes, e isso pode ser observado em algumas respostas:

A3: “Sim já foi falado. Eu penso que o professor tem que ter autonomia.”
 A5: “Já sim, acho que por um lado é justo, porque alguns alunos abusam.”
 A7: “Sim eu penso que tudo depende sobre o motivo pelo o qual o professor quer tirar nota pelo comportamento.”
 A9: Muitos falam pois o comportamento é muito importante e se estiver uma sala muito conversadeira e desorganizada acaba que aquele aluno não entenda os conteúdos.”

Isso nos mostra que a avaliação também está colaborando para a formação de alunos alienados concordando com as injustiças, já que comportamento nada tem haver com aprendizagem do conteúdo que o aluno apresentou na avaliação.

E quanto ao aluno que apresenta problemas de indisciplina o professor pode se utilizar de outros recursos para ajuda-lo a superar esse comportamento e não ameaçando e essas ações educativas segundo Vasconcellos (1994, p. 67) podem ser “(...) aproximação, diálogo, investigação das causas, estabelecimento de contratos, abertura de possibilidades de interação no grupo, etc. (...)”.

É importante lembrar que essa prática de ameaças, nada tem a ver com a avaliação da aprendizagem, mas sim com aferição, é o que diz Luckesi:

O uso de “ameaças” nas práticas chamadas de avaliação, não tem nada a ver com avaliação, mas sim com exames. Através dos exames, podemos ameaçar “aprovar ou reprovar” alguém; na prática da avaliação, só existe um caminho; diagnosticar e reorientar sempre. A avaliação não é um instrumento de disciplinamento do educando, mas sim um recurso de construção dos melhores resultados possíveis para todos. A avaliação exige aliança entre educador e educandos; os exames conduzem ao antagonismo entre esses sujeitos, daí a possibilidade da ameaça. (LUCKESI, 2004, p. 5)

Outra questão que se buscou na pesquisa foi verificar se os alunos percebem quando acontece a avaliação. E o resultado que se apresentou foi que 50% dos alunos dizem que a avaliação acontece sempre, 40% dizem que a avaliação acontece depois que o professor trabalha o conteúdo, e 10% dizem que a avaliação acontece no final do mês.

É possível notar que a metade dos alunos entrevistados, que serão futuro professores, relata que a avaliação acontece sempre e isso seria o ideal a acontecer, pois se ela for contínua estando presente em todo momento do fazer pedagógico em sala de aula, o professor irá conseguir, o mais cedo possível, detectar a dificuldade do aluno para intervir no sentido de alcançar melhoras.

Já na visão dos demais alunos que responderam ao questionário, a avaliação só acontece em um momento do processo avaliativo, depois que o conteúdo é trabalhado. E quando isso ocorre o que é avaliado são apenas os conteúdos e coletados os resultados, ficando o processo de aprendizagem do aluno desconsiderado.

Verificou-se nesta pesquisa, diante da opinião dos alunos, qual é o instrumento mais utilizado pelo professor na hora de avaliar, e segundo os alunos 90% relataram que são provas e trabalhos e 10% disseram que são anotações realizadas pelo professor.

A pesquisa mostra que a prova é um dos instrumentos mais usados pelos professores na hora de avaliar o aluno, é o que se observa nas respostas da maioria dos alunos e é importante analisar qual é o objetivo que se quer alcançar com a aplicação dessas provas, pois se ela servir como um instrumento de diagnóstico para intervenção no sentido de fazer com que os alunos avancem, ela é válida. Mas se o objetivo for à verificação dos resultados ela contribuirá para selecionar e classificar os alunos. Nesse sentido, Luckesi (2004, p. 4), esclarece:

A questão básica é distinguir o que significam as provas e o que significa avaliação. As provas são recursos técnicos vinculados aos exames e não à avaliação. Importa ter-se claro que os exames são pontuais, classificatórios,

seletivos, anti-democráticos e autoritários; a avaliação, por outro lado, é não pontual, diagnóstica, inclusiva, democrática e dialógica. Como você pode ver, examinar e avaliar são práticas completamente diferentes. As provas (não confundir prova com questionário, contendo perguntas abertas e/ou fechadas; este é um instrumento; provas são para provar, ou seja, classificar e selecionar) traduzem a idéia de exame e não de avaliação. Avaliar significa subsidiar a construção do melhor resultado possível e não pura e simplesmente aprovar ou reprovar alguma coisa. Os exames, através das provas, engessam a aprendizagem; a avaliação a constrói fluidamente.

Então é interessante observar se durante o processo avaliativo, não se faz uso de um único instrumento para diagnosticar a aprendizagem do aluno, pois há a necessidade do uso de vários instrumentos, visto que um aluno, por exemplo, pode não ir bem numa prova escrita, mas apresentar resultados diferentes numa prova oral e vice-versa. Por isso quando é realizado o uso de um só instrumento fica difícil levantar dados precisos sobre a aprendizagem.

Buscou-se através dessa pesquisa também saber, qual é a opinião dos alunos sobre a questão de acabar com a nota. Diante disso o resultado apresentado foi que 100% dos alunos alegaram que não devem acabar com a nota.

Portanto, todos os alunos foram unânimes em discordar sobre acabar com a nota na escola, é o que pode-se observar em algumas respostas quanto a isso:

A2: “que isso não é necessário pois são as notas que mostram se aprendemos ou não.”

A3: “Eu penso que tem que ter nota pois assim ele pode avaliar o rendimento do aluno, isso nunca pode mudar.”

A5: “Acho que não deveria acabar pois precisa avaliar o aluno, para passar de série.”

A6: “Não pode acabar, por causa que não saberia a capacidade do aluno sem a sua nota.”

A8: “Eu penso que a nota é uma forma de avaliação do aluno então se acabar com a nota os alunos poderão não ser avaliados corretamente.”

Pode-se constatar que os alunos pensam que nota e avaliação tem o mesmo significado e não enxergam que a nota é uma das formas de se obter os resultados de uma avaliação.

Para isso, traz-se Luckesi que diferencia nota e avaliação da seguinte forma:

Um processo verdadeiramente avaliativo é construtivo. Ao final de um período de acompanhamento e reorientação da aprendizagem, o educador poder testemunhar a qualidade do desenvolvimento de seu educando, registrando esse testemunho. A nota serve somente como forma de registro e um registro é necessário devido nossa memória viva ser muito frágil para guardar tantos dados, relativos a cada um dos estudantes. Não podemos nem devemos confundir registro com processo avaliativo; uma coisa é

acompanhar e reorientar a aprendizagem dos educandos outra coisa é registrar o nosso testemunho desse desempenho. (LUCKESI, 2004, p. 6)

Mas se os alunos pensam dessa forma é porque a prática do processo avaliativo desenvolvidas com eles está voltada para preocupação com as notas do que com construção da aprendizagem. E mesmo que isso seja relacionada com medo entre outras situações desagradáveis que a avaliação proporciona é impossível uma escola sem a presença da nota na visão dos alunos.

Na opinião de Rabelo (1998) sobre conservar ou suprimir a nota o autor diz que depende de qual ela está exercendo, se estiver servindo apenas como instrumento de terror, de manutenção da ordem ou imposição de força, sendo um elemento rotulador e se prestando para classificar o aluno, seria melhor que não existisse. Mas se esta tem a função de fornecer informação veiculada a essa nota com objetivos qualitativos, então está é perfeitamente conveniente. Então “se os registros das notas tiverem por objetivo observar o processo de aprendizagem de cada aluno e sua consequente reorganização, eles subsidiam uma avaliação formativa” (LUCKESI, 2006, p.20).

Portanto a uma grande preocupação com alunos do curso de Formação de Docente em relação ao conceito de avaliação e nota, pois se isso não estiver bem claro, daqui a pouco tempo estarão avaliando para dar nota e para informar e não para observar a aprendizagem dos alunos e direcionar a prática pedagógica.

Com base nos dados coletados junto aos alunos, podemos dizer que, na visão da maioria dos alunos a respeito da avaliação da aprendizagem escolar, é aquela que tem a função de selecionar e classificar os alunos, principalmente através de provas que causa medos e inquietações por esta estar relacionadas a aprovação e reprovação. Portanto faz-se necessário o estudo aprofundado deste tema para que esses alunos possam entender o processo avaliativo como um aliado a prática pedagógica.

4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que se desenvolveu pode mostrar que a escola avalia de acordo com a concepção de educação que ela acredita e julga ser a melhor para o desenvolvimento do seu trabalho educativo. Essa prática deve ser capaz analisar o desenvolvimento do aluno e possibilitar que ele cresça, como indivíduo e como

integrante de uma comunidade. E considerando que ela tem a função de promover o acesso aos conhecimentos produzidos socialmente pela humanidade e que esses conhecimentos são condições para a emancipação humana, então é importante que se tenha compromisso com o fazer pedagógico e a avaliação deve ser voltada para essa perspectiva.

Na pesquisa de campo pode ser observado que a avaliação praticada na escola tem caráter conservador, pois está relacionada com o poder na medida em que significa controle, privilegia a atribuição de notas e a classificação dos educandos despertando medo. E é assim que nossos alunos, que serão futuros docentes, entendem o processo avaliativo.

Então há uma necessidade urgente de uma reflexão sobre a avaliação da aprendizagem com esses alunos, pois dentro de pouco tempo estarão nas instituições de educação infantil e nas séries iniciais de ensino fundamental, reproduzindo essas práticas que estão vivenciando na sua formação.

Para que seja produtiva, a avaliação deve ser um processo dialógico, interativo, que visa fazer do indivíduo um ser melhor, mais criativo, mais autônomo, mais participativo. Ela deve levar a uma ação transformadora e também com sentido de promoção social, de coletividade, de humanização.

Mesmo que o sistema educacional solicite pela obrigatoriedade de notas de maneira classificatória faz-se necessário a prática da avaliação da aprendizagem na perspectiva diagnóstica e formativa, com vista à melhoria da aprendizagem e à formação de alunos críticos, reflexivos e autônomos e consequentemente a construção de uma educação de qualidade.

Como colaboradora da qualidade do ensino, a avaliação tem que estar sempre presente na sala de aula, e os alunos do curso de Formação de Docentes têm que ter claro o que é avaliação e a quem ela está a favor, e se a mesma estiver a favor da aprendizagem do aluno, ela fornecerá caminhos a seguir para melhorar a aprendizagem do aluno e direcionar a prática pedagógica. Então a avaliação se transforma em um exercício crítico de reflexão e também de pesquisa em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, M. **Um reflexo fiel da escola - Articulada ao projeto pedagógico, a avaliação da aprendizagem deve ser negociada com alunos e ir além do aspecto cognitivo.** Entrevista concedida à Revista Nova escola. Edição 147, novembro, 2001. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/reflexo-fiel-escola-424736.shtml>. Acesso em 16/06/2014.

ALBUQUERQUE, T. S. **Avaliação da educação e da aprendizagem.** Curitiba: IESDE, 2004.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro, 2004ro (1996)]. **LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional** [recurso eletrônico]. – 8. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/ldb_8.ed.pdf. Acesso em 09/04/14.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação: Mito & desafio. Uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar.** Entrevista concedida à Aprender a Fazer, publicada em IP - Impressão Pedagógica, publicação da Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, nº 36, 2004, p. 4-6. Disponível em <http://www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm>. Acesso em 28/04/2014.

_____. **O objetivo da avaliação é intervir para melhorar.** Revista Nova Escola - Educação Sexual, Edição 191, Abr, 2006, p. 19.

PELLEGRINI, D. **Avaliar para ensinar melhor.** Revista Nova Escola. Edição 159, Jan/Fev, 2003.

RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos, novas práticas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** São Paulo: libertad, 1994.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio do curso em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de casos**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.